

O PREÇO DA CRIAÇÃO • Continuação da página 1

Autores divergem sobre financiamento público

Controvérsia sobre projeto mostra que não há concordância sobre melhor forma de fomento à criação literária

A divulgação do projeto Amores Expressos mostrou o quanto ainda é controversa a questão do apoio público à criação literária. Concebido pelo produtor Rodrigo Teixeira, e orçado em R\$ 1,2 milhão, o projeto enviará 16 autores a diferentes cidades por um mês, com despesas pagas. Por alguns dias da viagem, os autores serão filmados para um documentário a ser lançado depois. Cada um receberá R\$ 10 mil pela cessão de direitos de imagem e de adaptação para o cinema da sua história. A partir da experiência, eles se comprometem a escrever uma história de amor. A prioridade para publicação dos livros é da Companhia das Letras, que no entanto pode recusá-los. A própria editora vai pagar adiantamentos aos autores e os custos de impressão. Teixeira diz que está investindo dinheiro de sua produtora no projeto, que é ainda apoiado por outras empresas. Parte da verba, no entanto, virá por meio da Lei Rouanet (Teixeira diz não saber quanto, porque o projeto ainda está em tramitação no Ministério da Cultura).

Para governo, incentivo à autoria é ponto estratégico

Em carta à "Folha de S. Paulo", onde o projeto foi anunciado, o escritor Marcelo Mirisola disse que se tratava de uma "faria entre amigos." Um dos fundadores do Movimento Literatura Urgente (MLU), o poeta Ademir Assunção chamou de "absurdo" e "sacanagem" a utilização de dinheiro público no projeto: "Até seria admissível se os escritores fossem participar de feiras, seminários, leituras, o e cambaio. Uma viagem de 3, 4 ou 5 dias. 10 dias, vai. Divulgando a literatura brasileira no exterior. Ok. Agora, ser patrocinado com dinheiro público para ficar um mês em Paris, Nova York, Praga ou Tóquio para escrever uma história de amor... (...) Espero que não confundam (...) com as propostas de políticas públicas formuladas pelo Movimento Literatura Urgente. Nós lutamos exatamente contra esse tipo de coisa", escreveu em seu blog. Outros autores, como Mário Bortolotto e Santiago Nazarian, disseram não ver nada de errado com a empreitada. Coordenador editorial do Amores Expressos, o escritor e cronista do GLOBO João Paulo Cuenca limitou-se a postar em seu blog um verbete da Wikipédia sobre "vermes nematódeos".

— Minha impressão é de que há um estranhamento porque os próprios escritores não sabem que esse caminho existe, que a Lei Rouanet admite a captação para projetos de literatura — diz Teixeira. — A captação de recursos para projetos de cinema e teatro talvez seja mais fácil, porque você tem atores famosos envolvidos, mas na área lite-

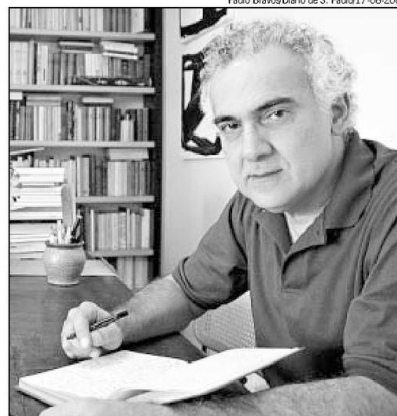


O ESCRITOR FERRÉZ em sua loja no Capão Redondo, em São Paulo: venda de bonês, calças, chaves e camisetas rende mais que seus livros

Odval Reis/Diário de S. Paulo



MARCELO MIRISOLA: autor publicou número de sua conta na internet



MILTON HATOUN: prêmios não ajudam tanto na vendagem de livros

rária, com um bom projeto, você também encontra empresas interessadas. Hoje, porém, a maioria dos livros feitos com apoio da Lei Rouanet é de arte, não de ficção.

Corriqueiro em outras artes, o apoio público à produção cultural só começou a ser discutido nos meios literários brasileiros em 2004, quando o MLU foi criado. Em 2005, representantes do movimento entregaram ao Ministério da Cultura um documento com assinatura de 181 escritores reivindicando bolsas de criação literária, programas de intercâmbio com outros países, compras de livro diretamente do autor, entre outras coisas. As propostas despertaram divergências entre os auto-

res, mas a opinião mais categórica foi manifestada pela revista "Veja", que numa reportagem batizou o movimento de "mamata das letras".

Passados dois anos, porém, o governo adota políticas semelhantes às propostas pelo MLU. A mais significativa até agora é a criação de uma rubrica de literatura no Programa Petrobras Cultural (PPC). A estatal destina R\$ 800 mil ao projeto de bolsas para escritores, o que representa 1% do total do PPC. Elas serão de R\$ 3 mil por mês e poderão durar um ano ou seis meses. A empresa recebeu 428 inscrições: 265 de ficção e 158 de poesia. Arthur Nestrovski, consultor do programa, foi o encarregado de escrever o edital.

— A única área que não tinha onde pedir subsídios era a da criação literária, a mais barata de todas em termos de investimento — lembra. — Há um desequilíbrio. Hoje, se um escritor for fazer um ensaio sobre outro escritor, tem mais chance de conseguir subsídios do que se for escrever ficção.

Nestrovski lembra que outros países têm programas de incentivo à escritores. Ele cita como exemplo o National Endowment for the Arts, nos EUA, que tem uma bolsa de US\$ 25 mil para a criação de obras literárias.

— Além disso, os prêmios literários lá fora são muito mais numerosos e substanciais — acrescenta. — Ninguém acha estranho que a gente apoie a gra-

vação de um disco, a produção de um filme. Mas, no caso da literatura, dizem que o autor só precisa de um computador e papel. Ora, e ele vai viver do quê?

Desde 2006, a Biblioteca Nacional oferece uma bolsa de cinco meses "para autores com obras em fase de conclusão". O orçamento anual, R\$ 87 mil, é suficiente para que cada um dos dez premiados receba R\$ 1.740 mensais. O governo pretende criar mais iniciativas como essa. O secretário executivo do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), José Castilho, diz que o "incentivo à autoria" fará parte dos programas que ele espera implementar a partir deste ano.

— O incentivo à autoria é estratégico para o desenvolvimento

to cultural do Brasil. Estamos fazendo um cadastramento de todos os autores em atividade aqui. Em seguida, planejamos fazer caravanas de discussão dos escritores pelo país todo. Também acho perfeitamente justo que se criem bolsas na área de literatura. Isso tem que ser estudado. Estamos num mundo muito profissionalizado, a atividade criativa tem que ser remunerada condignamente, como qualquer outro trabalho — afirma.

Marcelino Freire, um dos criadores do MLU, defende, com mais ênfase, opinião parecida:

— Muita gente que criticou o movimento hoje está se beneficiando das bolsas de criação. Chegaram ao disparate de dizer que escritor só precisa de caneta e papel-de-pão para escrever. Pode? Porra! Chega de santidade. Queremos melhores condições de trabalho, sim. Circular pelas universidades. Divulgar o nosso livro. E isso não custa muito. Viver sempre na merda não dá. Tem uma frase do poeta Manoel de Barros da qual gosto muito: "minha poesia não gosta de dinheiro. Mas o poeta gosta." E quem não gosta? Eu estou com o Manoel. Eu sempre digo: "Minha literatura não tem preço. Mas para todas as outras coisas, uso MasterCard."

Ademir Assunção fala em benefícios para a sociedade:

— Se queremos uma sociedade rica culturalmente, o poder público precisa tomar medidas claras, e não deixar tudo nas mãos do mercado.

Escritor é profissional como outro qualquer, diz Terron

O governo federal não é o único que parece concordar com as ideias do MLU. No ano passado, o estado de São Paulo também criou bolsas para escritores, dentro do seu Programa de Ação Cultural. Entre os próprios autores, no entanto, ainda não há concordância quanto à conveniência desse tipo de ajuda.

— Não acho que escritor deva ter financiamento público — diz Luiz Ruffato. — O Estado, em termos ideais, deveria cuidar da existência de público para a literatura, ou seja, para que a educação fosse pública, gratuita e universal. Todas as tentativas, no Brasil, de financiamento público de literatura acabaram tornando-se sinecuras, algo como os amigos dos amigos.

Para o escritor Joca Terron, não há nada demais na ideia de financiamento do governo. O autor, diz, é "um profissional autônomo como outro qualquer."

— Se dentistas recebem financiamento para a compra de equipamento, por que escritores não deveriam receber para produzir? — argumenta.

Em lados opostos no debate sobre financiamento público a escritores, Terron e Ruffato estão ambos escalados no time do Amores Expressos. ■

Sustento com empregos e 'atividades afins'

Palestras, oficinas, prefácios e organização de coletâneas ajudam autores a ganhar seu pão

- Escritores costumam receber de direitos autorais 10% do preço de capa (cobrado nas livrarias) de sua obra. Um livro de R\$ 40, com tiragem de três mil (a média para autores nacionais) renderá, se esgotado, R\$ 12 mil ao seu autor. Sabendo-se que escrever um livro é, em princípio, uma atividade que exige tempo, muitas vezes mais de um ano, dá para entender por que fica difícil viver de direitos autorais.

- Todo escritor precisa de um mecenas. Seja ele um segundo emprego, a loteria, família rica ou, no melhor dos casos, o público leitor — diz André Luis

cio: debates, oficinas, artigos.

- As mesas-redondas, as palestras, os prefácios e principalmente as oficinas de criação literária, tudo isso remunera mais do que meus romances e coletâneas — diz Nelson de Oliveira, que trabalha numa editora.

- Mas esses também não são trabalhos muito bem pagos — comenta André Sant'Anna, que vive da publicidade. — Muita ralação para pouco dinheiro, mas, se a pessoa faz vários frrs, sobrevive, no sufoço.

- Autor de "Joana a contragosto" (Record), Marcelo Mirisola

te em Copacabana. Os outros R\$ 30 ficaram com o sr. Setúbal (dono do Itaú, onde ele tem conta) — diz o autor, que é candidato à bolsa Petrobras.

"Temos uma classe média tosca", diz Milton Hatoum

André de Leones, vencedor do Prêmio Sesc de Literatura 2005, resolveu adotar a mesma estratégia de Mirisola.

- Foi um ato de protesto — afirma ele, que defende a criação de mais bolsas para autores.

- Em São Paulo tinha aquela Fundação Vitae, mas acabou.

1964, eu não gosto quando o governo se intromete na criação artística. Preferia que isso viesse de fundações como a Fulbright, a Guggenheim. Nos EUA e na Europa há várias bolsas assim. O governo brasileiro poderia ajudar fomentando o ensino do português para tradutores. Hoje, os tradutores são míngados, e muitas vezes, fracos. Em outros países, a tradução é uma fonte de renda importante para os escritores — observa.

Prêmios literários também são uma fonte de renda para escritores, mas são imprevisíveis, não se pode depender

Mas já é muito para o Brasil. Temos uma classe média mais tosca mesmo. Boa parte fica pensando em ir para Miami, como pizza ou feijoada todo fim de semana, mas não compra um livro o ano inteiro.

Um dos poucos que diz poder viver de direitos autorais, o gaúcho Moacyr Scliar trabalhou por muitos anos na área de saúde pública. Ele acha que a dedicação a outras atividades pode ser boa para o escritor.

— Sempre me lembro do conselho do Górkoi ao Isaac Babel: antes de escrever, você tem que viver. Mas, sempre que escrevo

Captação alta na Lei Rouanet

- A Lei Rouanet, que regula o subsídio à produção cultural por meio de renúncia fiscal, contempla 50 categorias, divididas em sete áreas diferentes. Incluída na área "Humanidades", a categoria "edição de livros" foi a que captou o terceiro maior volume de recursos em 2006: R\$ 83,229 milhões. Ficou atrás apenas de "teatro", que teve R\$ 118,991 milhões, e "artes integradas", com R\$ 89,170 milhões. A captação de recursos para cinema é menor

A
B
D
E
G

publico ruim — diz autor laurentino, autor de “A paixão de Amâncio Amaro” (Agr). — Quem disse isso foi uma escritora de sucesso e de alto nível: Margaret Atwood. Aqui no Brasil, viver da venda dos livros é privilégio de pouquíssimos. Escritores ganham mais com o que se poderia chamar de “atividades afins” ao seu ofi-

ceio: as quebras sobre taxa de dinheiro, constantes entre autores nacionais, a um novo patamar no ano passado, quando publicou na internet o número de sua conta bancária: — Recebi R\$ 230. Depois descobri que foi minha mãe quem depositou R\$ 200. Gastei essa quantia com uma puta que descolei na Help, uma boa-

menção para outros escritores, a Bolsa Vitae serve para lembrar uma diferença entre o Brasil e os países desenvolvidos. Nos EUA e na Europa, fundações privadas têm várias bolsas para artistas. O escritor Silvano Santiago acredita que esse é o modelo ideal. — Talvez por ter nascido na ditadura Vargas e crescido na de

visíveis, não se pode depender deles para viver. Milton Hatoum, que em 2006 ganhou cinco por “Noites do norte” (Companhia das Letras), diz que no Brasil os efeitos das premiações sobre a vendagem não são tão grandes: — Um prêmio Goncourt na França vende 400 mil livros. Aqui, você vende 30 mil, 40 mil ao longo de dois ou três anos.

viver. Meus colegas que resolveram se dedicar só à literatura se arrependeram. O cara vai para casa e fica esperando as idéias. Quando não vêm, ele entra num estado de ansiedade. Aí, vai para a geladeira e logo engorda meia dúzia de quilos. ■

● NA FRANÇA, LISTA IMENSA DE SUBSÍDIOS, na página 3

porque muitos autores buscam recursos por meio da Lei do Audiovisual. Poucos dos projetos inscritos na área de edição são de literatura. Muitos são de publicações de arte, livros de fotos, catálogos de exposições.